

ANÁLISE HISTÓRICA DA CRUZ VERMELHA BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO ESPECIALIZADA NA CIDADE DE PELOTAS, RS (1940-1949)

HISTORICAL ANALYSIS OF THE BRAZILIAN RED CROSS IN SPECIALIZED EDUCATION IN THE CITY OF PELOTAS, RS (1940-1949)

ANÁLISIS HISTÓRICO DE LA CRUZ ROJA BRASILEÑA EN LA EDUCACIÓN ESPECIALIZADA EN LA CIUDAD DE PELOTAS, RS (1940-1949)

Fernando Cezar Ripe

<https://orcid.org/0000-0003-0007-0597>

Universidade Federal de Pelotas - (UFPel), Brasil

fernandoripe@yahoo.com.br

Rafael Santos da Rosa

<https://orcid.org/0009-0008-3611-2844>

Universidade Federal de Pelotas - (UFPel), Brasil

rafaelsantosdarosa948@gmail.com

Resumo

Explorando o vínculo e a importância da Cruz Vermelha Brasileira atuando na fundação da Escola Alfredo Dub na cidade de Pelotas, RS, entre os anos 1940 e 1949, buscamos evidenciar a contribuição da instituição humanitária sobre as práticas educativas em favor das crianças com diferentes casos de deficiências. O estudo se valeu da análise documental e tem como objetivo geral apresentar a constituição de uma instituição educativa e filantrópica que foi organizada a partir da relação entre dois educadores, quais sejam o foniatra austríaco Alfredo Dub e benemerente Maria de Lourdes Furtado Magalhães. Constatamos a existência de uma lacuna na historiografia em relação ao trabalho da Cruz Vermelha no campo educacional e, principalmente, no campo da Educação Especializada. Esta investigação funciona como laboratório para futuros estudos sobre História da Educação e História das Instituições.

Palavras-chave: História da Educação; História das Instituições; Educação de Surdos.

Abstract

Exploring the link and importance of the Brazilian Red Cross working in the founding of the Alfredo Dub School in the city of Pelotas, RS, between the years 1940 and 1949, we seek to highlight the contribution of the humanitarian institution to educational practices in favor of children with different cases of deficiencies. The study made use of documentary analysis and its general objective is to present the constitution of an educational and philanthropic institution that was organized based on the relationship between two educators, namely the Austrian phoniatrist Alfredo Dub and benefactor Maria de Lourdes Furtado Magalhães. We noted the existence of a gap in the historiography in relation to the work of the Red Cross in the educational field and, mainly, in the field of Specialized Education. This investigation serves as a laboratory for future studies on the History of Education and History of Institutions.

Keywords: History of Education; History of Institutions; Deaf Education.

Resumen

Explorando el vínculo y la importancia de la Cruz Roja Brasileña trabajando en la fundación de la Escuela Alfredo Dub en la ciudad de Pelotas, RS, entre los años 1940 y 1949, buscamos resaltar la contribución de la institución humanitaria a las prácticas educativas a favor de niños con diferentes casos de deficiencias. El estudio hizo uso del análisis documental y tiene como objetivo general presentar la constitución de una institución educativa y filantrópica que se organizó a partir de la relación entre dos educadores,

concretamente el foniatra austriaco Alfredo Dub y la benefactora María de Lourdes Furtado Magalhães. Observamos la existencia de un vacío en la historiografía en relación con la labor de la Cruz Roja en el ámbito educativo y, principalmente, en el campo de la Educación Especializada. Esta investigación sirve como laboratorio para futuros estudios sobre Historia de la Educación e Historia de las Instituciones.

Palabras clave: Historia de la Educación; Historia de las Instituciones; Educación para sordos.

Introdução

Considerando o vínculo e a importância da Cruz Vermelha Brasileira sediada na cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, na fundação da Escola Alfredo Dub, buscamos empreender uma análise sobre a história da instituição especializada e os contextos educativos para crianças deficientes que ocorreram entre os anos de 1940 e 1949. O período proposto em nossos estudos atende a importante relação entre dois educadores que foram preponderantes para a realização de um dos grandes projetos sociais da cidade de Pelotas na década de 1940. O profissionalismo e dedicação da benemerente Maria de Lourdes Furtado Magalhães (1907-1977) e os conhecimentos especializados do foniatra austriaco Alfredo Dub (1897-1974), ainda que separados pela fronteira entre Brasil e Uruguai, aproximou, em certa medida, a relação da sociedade pelotense com as crianças portadoras de diversas deficiências. Todavia, para que essa situação se tornasse uma memória representativa na vida da comunidade surda local, foi necessária a contribuição de uma instituição filantrópica humanitária internacional, a Cruz Vermelha, que propiciou inicialmente a formação de uma "classe especial", que depois de algumas décadas se tornaria a primeira escola especializada na educação de crianças e jovens deficientes da cidade, gerenciada por meio da filantropia.

No Brasil, a década de 1940 registrou eventos marcantes que difundiram a abertura de um pensamento mais democrático e assistencial na sociedade. Certamente a Era Vargas (1930-1945) foi o principal destaque político desse período, pois, de acordo com Saviani Filho (2013, p. 856), o governo foi, também, marcado pela criação de “instituições que contribuíram para o desenvolvimento econômico e social do país”. A atuação de Getúlio Vargas tinha como princípios a fomentação da “econômica voltada para os objetivos de promover a industrialização e a atuação social” (Santos; Miranda, 2022, p. 5), o que, de alguma forma, beneficiava os trabalhadores urbanos. Nesse período, foram desenvolvidas transformações significativas no contexto social, econômico e assistencial do país, por meio de um forte intervencionismo do Estado, que adotava medidas para modernizar a economia e implementar políticas focadas na população trabalhadora. No âmbito assistencial, o governo Vargas também empregou políticas para atender às demandas sociais da população. Por exemplo, a criação do Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), que tinha como objetivo modernizar

a administração pública e desenvolver serviços de assistência social. O governo também criou o Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), que passou a garantir a proteção aos trabalhadores por meio da previdência. Importante lembrar que, em 1942, o Brasil após muita pressão do governo norte-americano participou ativamente da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). No conflito militar, os brasileiros enviaram 73 enfermeiras junto à Força Expedicionária Brasileira (FEB) e à recém criada Força Aérea Brasileira (FAB). A atuação de homens e mulheres da FEB foram determinantes na aprovação social do presidente Getúlio Vargas e da sua política de Estado Novo. O papel desempenhado pelas enfermeiras no Estado Novo foi uma das condições de possibilidade para que a profissão na área da saúde emergisse, de modo a elevar a criação de novas escolas de enfermagem no país e ampliação do interesse das mulheres para atuarem nesse campo.

Possivelmente, em meados do século XX, a profissionalização de enfermeiras e visitadoras sanitárias teve impacto no tratamento e educação de crianças com deficiências no Brasil, uma vez que, foi nesse período, “o desenvolvimento de escolas e/ou classes especiais em escolas públicas” (Miranda, 2008, p. 30). Tal modelo de instrução, surgiu com a finalidade de melhorar o ensino e o atendimento a crianças e jovens com necessidades específicas ou transtornos mentais, sendo que na década de 1940 esses portadores eram comumente denominados como sujeitos excepcionais. De modo geral, até a década de 1950 eram raras as escolas especiais ou instituições especializadas na educação de crianças com deficiências. O que se tinha, eram casas assistenciais e entidades filantrópicas que desenvolviam práticas educativas e criavam internamente as chamadas classes especiais. Segundo a autora Januzzi (2006, p. 34) foi somente “a partir de 1930, [que] a sociedade civil começou a organizar-se em associações de pessoas preocupadas com o problema da deficiência”, desse modo algumas escolas e entidades filantrópicas passaram a ser criadas próximas aos hospitais e às clínicas.¹ No Brasil, o “governo não assumia esse tipo de ensino, embora apoiava financeiramente as instituições filantrópicas” (Rogalski, 2010, p. 4), enfatizando o papel das mesmas na educação especial. Sendo assim, a educabilidade de crianças deficientes no território nacional esteve conciliada com o trabalho de profissionais da Educação e da Saúde, envolvendo médicos, psicólogos e pedagogos.

¹ Na cidade de Pelotas a assistência aos mais pobres, órfãos, doentes e desvalidos da sorte era institucionalizada desde antes da metade do século XIX. Destacamos as seguintes instituições e ano de criação: Asilo Nossa Senhora da Conceição (1844), Santa Casa de Misericórdia de Pelotas (1847), Sociedade Portuguesa de Beneficência (1857), Asilo de Mendigos de Pelotas (1885) e Asilo de Órfãos São Benedito (1901).

A fim de melhor apresentarmos o processo de institucionalização da escolarização especializada na educação de surdos na cidade de Pelotas, seus respectivos desdobramentos no processo de criação da Escola Alfredo Dub e as análises sobre um singular acervo documental encontrado na instituição investigada, organizamos o presente texto da seguinte maneira: primeiro, contextualizamos o movimento assistencial para se estabelecer uma educabilidade própria para sujeitos com surdez à luz da historiografia das instituições escolares advinda do historiador da Educação, Justino Magalhães; segundo, identificamos na Cruz Vermelha a emergência organizacional para o atendimento de crianças; terceiro, reconhecemos na figura de Dona Maria Magalhães, por meio de sua dedicação e empenho, a iniciativa para o desenvolvimento de práticas educativas que atendessem de modo filantrópico a necessidade e condição dessas crianças; quarto, analisamos a influência do foniatra Alfredo Dub sobre o aperfeiçoamento dos métodos pedagógicos especializados; quinto, e último, buscamos demonstrar a importância da criação da escola para alunos surdos afim de ampliar o acesso social desses sujeitos.

Notas sobre a produção de pesquisas que investigam a Educação Especializada no Brasil

Ainda que, na atualidade, a Escola Bilíngue Professor Alfredo Dub seja um objeto recorrente de pesquisas que envolvem bricolagens sobre a educação de surdos e práticas pedagógicas inclusivas,² notadamente por ter sido uma das primeira instituições do estado do Rio Grande do Sul e a única na cidade de Pelotas a se dedicar exclusivamente à escolarização de crianças surdas,³ a historicidade da criação dessa escola e sua vinculação com a filantropia ainda não foram perspectivas e temática abordadas pelos pesquisadores. Desse modo, para entendermos o seu processo de institucionalização, é preciso interpretar historicamente o desenvolvimento de uma organização pedagógica, legislativa e organizacional sobre os cuidados e atenção aos sujeitos com condições diferenciadas.

No Brasil, o tema sobre educação de surdos – ainda que, esteja em processo de transformação no que se refere à legislação e às práticas educativas – tem sido explorado há

² Destacamos os trabalhos de Édna Vergara Fagundes (2002); Fábio Renato Barcellos Costa (2009); Fabiane Bohm (2016/2018); Nathiele Francos da Silva (2017); Ana Vieira (2018); Cléa Silveira (2019); Thaís Grutzmann, Rozane Alves e Tatiana Lebedeff (2020); Lodenir Becker Karnopp, Madalena Klein e Márcia Lise Lunardi-Lazzarin (2021).

³ Vale ainda mencionar para a educação de surdos no Rio Grande do Sul a Escola Municipal de Educação Bilíngue para Surdos Helen Keller (1952), em Caxias do Sul, e a Escola Especial Ulbra Concórdia (1960), em Porto Alegre. Como suporte historiográfico da educação especializada no país, sugerimos o recém publicado Dossiê “A constituição do campo da Educação Especial no Brasil: entre tempos, lugares e pessoas” pela Revista Cadernos de História da Educação. Ver: Borges e Gouvêa (2023).

mais de um século.⁴ Na Europa, por exemplo, já havia, desde meados do século XVIII e início do século XIX, estudos sobre a educação de surdos. De acordo com Januzzi (2006, p. 20) “o trabalho educacional com pessoas surdas veio da França”. A influência francesa na educação especializada no Brasil pode ser percebida quando em 1857, com a criação do “Instituto dos Surdos-Mudos, em 1857, sob a direção do mestre francês Eduard Hüet (1820-1822)”. De acordo com Lemos (1981, p. 41),

[...] Eduard Hüet, educador francês com surdez congênita, professor do ensino emendativo do Instituto de Bourges, chegou ao Rio de Janeiro recomendado pelo ministro da instrução Pública da França e com o apoio do Embaixador da França no Brasil, Monsieur Saint George.

No Rio Grande do Sul “há registros que a primeira escola que operou com práticas educativas voltadas para os deficientes ocorreu em 1909” na cidade de Encruzilhada do Sul, na Escola Borges de Medeiros (Januzzi, 2006, p. 18). Esse marco representa um avanço significativo no campo da educação especial, visto que, naquela época, o acesso à educação para pessoas com deficiência era muito limitado e dependia tão somente de instituições benemerentes de assistência social. Essa instituição foi pioneira ao adotar práticas educativas adaptadas para atender às necessidades específicas dos alunos com deficiência. Mesmo com as dificuldades existentes no campo do ensino público na época, a escola proporcionou um ambiente propício no desenvolvimento educacional, social e emocional dos estudantes. Com o passar dos anos, a iniciativa da Escola Borges de Medeiros influenciou a criação de outras escolas especializadas no Rio Grande do Sul. No estado, também podemos destacar a elaboração do projeto do Serviço de Orientação e Educação Especial (SOEE), criado a partir da Lei Estadual n. 2346, de janeiro de 1954, a qual tinha como finalidade a atuação de profissionais no campo da educação do excepcional. O SOEE foi, até então, a principal política pública para a instalação da educação especial no Rio Grande do Sul, criando escolas especializadas, classes especiais e na formação de recursos humanos. Com o passar do tempo, identificamos, ainda que em passos lentos, a implementação de políticas públicas voltadas para a garantia do direito à educação para todos, independentemente de suas limitações. Isso ficou mais evidente no Brasil a partir do processo de redemocratização, quando, nos artigos 205 e 206 da Constituição Federal de 1988, a educação passou a ser “direito de todos e dever do Estado e da família”, sendo “promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando

⁴ Os primeiros estudos sobre surdos no Brasil ocorreram no Segundo Império. Quando em 1855, convidado por D. Pedro II a vir ao Brasil, o conde francês Eduard Hüet trouxe métodos de ensino para surdos que levou a fundação do Imperial Instituto Nacional de Surdos-Mudos, no Rio de Janeiro 1857.

ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” e, respectivamente, indicando que haverá “igualdade de condições para o acesso e permanência na escola”. Todavia foi o Art. 208 que descreveu com maior precisão ser dever do Estado garantir o “atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino” (Brasil, [1988] 2016, p. 123).

Dito isso, podemos considerar que a história da primeira escola gaúcha voltada para a educação especial é um exemplo inspirador de superação dos desafios e por busca de inclusão social. Essa iniciativa pioneira abriu caminhos para a garantia do acesso à educação para todos, independentemente de suas capacidades, e continua a ser uma referência importante na luta pelos direitos das pessoas com deficiência.

Pesquisas recentes revelam que a História da Educação, em especial aquelas apresentadas em congressos da área da Educação, são ainda diminutas, de modo que se reivindica “maior aproximação entre os campos da História da Educação e da Educação Especial”, notadamente, ao considerarmos que “a História da Educação Especial se constitui no hibridismo desses dois campos, cuja articulação poderá trazer mais respaldo e fundamentação à historiografia da Educação Especial brasileira” (Bezerra; Furtado, 2017, p. 1). Em um primeiro momento, Educação e Sociedade foram a base de pesquisas para os estudos sobre problemas escolares, mas sem que se dessem atenção às instituições especializadas. Mesmo já existindo pesquisas e especialistas que discutissem a categoria de análise história de instituições, ainda careceria de uma estruturação e consolidação de produções que percebessem a singularidade das instituições escolares. Não obstante, podemos identificar na historiografia da educação especializada de surdos um espaço potente de luta pela inclusão e igualdade de acesso e permanência à Educação.

Atualmente há uma variedade de “projetos sobre história das instituições educativas, desde a inventariação e preservação de fontes, envolvendo estratégias de construção de identidade” (Gatti, 2005, p. 97). Lembrando que, “o processo educativo envolve alteridade e um objeto (substância) a ser transmitido apropriado pelo sujeito – um produto cultural” (Magalhães, 2004, p. 17). Por isso a importância da investigação de uma instituição filantrópica, como sendo resultado de um produto cultural em favor da educação dos excepcionais (terminologia dada às pessoas portadoras de deficiências nessa temporalidade aqui devidamente estudada) na década de 1940.

Considerando que, no caso investigado, a primeira escola para surdos na cidade de Pelotas foi subsidiada pelo auxílio da Cruz Vermelha, buscamos localizar nos principais bancos de Dissertações, Teses e Trabalhos Acadêmicos do país, como a instituição humanitária

internacional vem sendo analisada e historicizada.⁵ Entretanto, não há empreendimentos investigativos no campo da História da Educação, bem como não há estudos que relacionem a Cruz Vermelha com o trabalho de educação especializada. Sendo assim, entendemos que existe uma lacuna na historiografia em relação ao trabalho da Cruz Vermelha no campo educacional e, principalmente, no campo da educação especializada.

Na cidade de Pelotas, podemos dizer que a Cruz Vermelha foi pioneira na atenção, atendimento e educação de crianças com deficiências, uma vez que a Escola Alfredo Dub surgiu nas dependências da sede da Cruz Vermelha, quando esta ficava localizada na Rua Félix da Cunha, número 765, no Centro da cidade de Pelotas. Cabe destacar que a pesquisa que sendo operacionalizada se vale de um acervo constituído por 107 recortes de jornais locais, 242 imagens (fotografias) e 41 documentos (convites, cartas, textos), disponíveis no arquivo da Escola Alfredo Dub.

O trabalho da Cruz Vermelha em Pelotas na década de 1940

Em 1863, o suíço Jean Henry Dunant (1828-1910) criou a Cruz Vermelha, uma organização internacional que tem como prioridade socorrer vítimas de guerras, assim como prestar amparo a pessoas em vulnerabilidade social e, ou prejudicadas por desastres ambientais (Dunant, 2016). No Brasil, a instituição foi fundada no ano de 1908 pelo Dr. Joaquim de Oliveira Botelho (1827-1948) e por outros representantes do campo médico (Porto; Campos; Oguisso, 2009). Desde então, a instituição tem desempenhado um papel crucial no apoio à população em situações de emergência e no desenvolvimento de programas de saúde, socorro e assistência social. Ao longo de sua história, a Cruz Vermelha Brasileira atuou em diferentes áreas, como assistência às vítimas de desastres naturais, guerra e conflitos armados. Durante a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, a instituição mobilizou esforços para auxiliar os soldados feridos e os civis afetados pelos conflitos. No campo da assistência social, a Cruz Vermelha Brasileira tem desenvolvido programas direcionados à população mais vulnerável, como crianças, idosos, pessoas em situação de rua e refugiados. A instituição busca garantir o acesso a serviços básicos, como alimentação, moradia, cuidados de saúde e educação. Historicamente

⁵ Observamos inúmeras pesquisas sobre a Cruz Vermelha publicadas no repositório da *Scielo* e do *Google Acadêmico*. O tema Cruz Vermelha comparece em diferentes abordagens e discussões, como em história da Cruz Vermelha, enfermagem, guerras, psicologia, entre outros assuntos. No Rio Grande do Sul se destacam os interesses pelo trabalho operado pelas visitadoras sanitárias e a história das damas da Cruz Vermelha. Veja-se, por exemplo, as pesquisas de Jane Márcia Progiante (2004); Roney Cytrynowicz (2005); Fátima Maria da Silva Abrão e Maria Cecília Puntel de Almeida (2007); Carla Costa Teixeira (2008); Luiz Antonio de Castro Santos e Lina Faria (2008) e Silvia Alves dos Santos et al., (2018).

foi reconhecida por seu compromisso ético e moral direcionado à assistência, por meio de ações de benevolência, benignidade e, logicamente, de filantropia.

O trabalho desempenhado pela Cruz Vermelha na cidade de Pelotas, já no ano de 1940, teve como uma das finalidades abrigar em sua sede crianças com deficiências. Mais que um ato de caridade, a instituição ofereceu seu espaço físico para servir de sala de aula, de modo que a percepção de que ali fosse uma clínica médica foi sendo desconstruída para que pouco a pouco uma pequena escola fosse instaurada. Todavia, o objetivo da Cruz Vermelha não era servir de escola para crianças ditas excepcionais, mas prestar serviço à área da saúde. A instituição não foi somente sede para educar muitas crianças que possuíam dificuldades de aprendizagens por conta da deficiência, pois também atuou na assistência dessas crianças que passavam por fragilidades socioeconômicas.

Na década de 1920, a cidade de Pelotas se encontrava economicamente desenvolvida e já possuía um hospital da "Cruz Vermelha Libertadora". Entendemos que desde esse período, marcado anteriormente pela Primeira Guerra Mundial (1914-1918) foi criada uma filial dessa instituição sem fins lucrativos que prestava auxílio para as pessoas que se encontravam em suscetibilidade social. Temos conhecimento que "o hospital da Cruz Vermelha foi usado para recuperar os feridos da invasão ocorrida na cidade pelotense durante a Revolução de 1923" (Silva, 2015, p. 29). Quase 20 anos após esse último episódio, o hospital da Cruz Vermelha recebeu outro nome, passando a ser conhecido como "Cruz Vermelha Brasileira Filial de Pelotas". A organização continuou seus trabalhos em prol daqueles que se encontravam em dificuldades, porém, agora em uma Pelotas não tão bem estruturada economicamente, contudo respeitada por sua fama em relação aos aspectos culturais, comerciais, bem como por sua rede de influências políticas. Na década de 1940 existia uma outra adversidade na vida da sociedade pelotense, a tuberculose. A sociedade tinha enormes dificuldades em relação à saúde pública, tendo na tuberculose, uma doença bacteriana infecciosa, responsável por causar inúmeras mortes à população sulista. O contágio acontecia pelo ar, "através de tosse, espirro, fala de micropartículas por parte do indivíduo portador de tuberculose pulmonar" (Gill, 2019, p. 10). Foi no interior do Hospital da Cruz Vermelha em Pelotas que a assistência aos sujeitos surdos teve seus primeiros contornos assistenciais. Dentro desse espaço, na sua estrutura física, nos pequenos detalhes e memórias, que tentaremos apresentar como a instituição foi determinante para a educação de crianças surdas. A partir da manutenção de uma "aula" para alunos excepcionais que induziu uma mudança de paradigma na instituição Cruz Vermelha. Abaixo apresentamos uma fotografia da parte frontal do prédio em que a instituição atuava na década de 1940, percebendo a existência de algumas crianças nas janelas.

Imagem 1

Fachada do prédio da Cruz Vermelha na cidade de Pelotas (década de 1940)



Fonte: Acervo da Escola Alfredo Dub.

Embora nossa narrativa tenha como foco principal estabelecer uma relação de influência da instituição Cruz Vermelha Brasileira na educação de crianças excepcionais da década de 1940 e 1950, em Pelotas, alguns personagens foram representativos nessa história se destacando por sua conduta e interesse em ajudar a causa de pessoas que se encontravam sem atendimento, marginalizadas e sem escolarização. Por intermédio de uma "visitadora sanitária" da Cruz Vermelha que o sonho de Jean Henry Dunant ultrapassou continentes e alcançou outros sonhadores que mudaram a vida social e educacional de pessoas estigmatizadas pela sociedade. Os visitantes sanitários tinham a incumbência de realizar visitas às casas das famílias e prestar atendimento ao que se refere à saúde, fazendo coleta de sangue, obtendo dados para encaminhar ao ambulatório, entre outras atividades assistenciais. Nesse trabalho, uma mulher, visitadora sanitária da Cruz Vermelha, teve o intuito e a disciplina de fazer mais do que prestar socorro sanitário, agindo como uma agente social e passando a atuar como professora para crianças com deficiências.

Um gesto de carinho e compreensão: as ações de Dona Maria

Temos conhecimento, a partir das análises relativas às memórias de uma visitadora sanitária que, em meados da década de 1940, ao “percorrer residências no campo e na cidade, identificava pessoas de todas as idades com deficiência, isoladas do processo de ensino e aprendizagem” (Bohm, 2018, p. 22-34). Suas ações eram voltadas num processo de higienização, numa ação social e voluntária no tratamento de pacientes. Em 1940, Maria de Lourdes Furtado Magalhães, exercendo a função de visitadora e enfermeira, acompanhou e verificou o quanto existiam pessoas com deficiências específicas sem atendimento especializado na cidade de Pelotas. Não temos conhecimento como e por qual razão essa senhora teve a determinação para criar um projeto, onde iniciou o processo de educação de crianças e jovens com deficiências. Todavia, o que sabemos é que entre 1940 e 1949, Dona Maria como era conhecida, criou dentro da sede da Cruz Vermelha, uma classe especial, ocupando uma sala da instituição filantrópica. A existência da escolinha mobilizou a sociedade no apoio e caridade por ação das suas patronesses – as chamadas “Damas da Sociedade”, que se preocupavam com a saúde, educação e higienização das crianças excepcionais. A seguinte imagem ilustra a atuação de Dona Maria frente a uma classe de crianças que necessitavam de métodos de ensino mais especializados.

Imagem 2

Dona Maria ensinando crianças por meio de métodos diferenciados (década de 1940)



Fonte: Acervo da Escola Alfredo Dub.

O trabalho de Dona Maria foi sem dúvidas um gesto de carinho e compreensão à causa de grupos estigmatizados e marginalizados pela sociedade, dando a essas pessoas a oportunidade de a educação fazer parte de suas vidas. Transparecem, na nossa análise de fontes documentais, que Dona Maria buscou proteger a imagem das crianças e jovens que tratou de educar, sobretudo, mantendo o senso de ética e respeito aos alunos. De certo, temos que a educação especial há muito foi discriminada e marginalizada, uma vez que a sociedade rotulava os sujeitos deficientes por adjetivações que variavam, desde anormais e retardados, até loucos e insanos. Isso se dava por meio de uma mentalidade que privilegiava a análise comportamental dos indivíduos em detrimento das avaliações clínicas. Os excepcionais de que estamos nos referindo, também tiveram que sofrer com o preconceito e isolamento social, não sendo raro os casos de abandonos e negligências familiares.

Diante dessas conjunturas, destacamos a pertinência da compreensão histórica do processo de criação da instituição especializada em torno do que representou a memória de sua fundadora e os efeitos em relação ao mito fundador. Simbolicamente, Dona Maria de Lourdes Magalhães foi além do simples diagnóstico e laudos de seus alunos como sujeitos portadores de deficiência, anormalidade ou, algum tipo, de excepcionalidade, uma vez que trabalhou muito para que a escola tivesse continuidade para abranger a diversidade de alunos e suas especificidades, além de outros problemas decorrentes de contextos sociais e de ordem familiar.

Por meio de suas aulas, muitos alunos começaram a receber a atenção necessária, aprendendo tanto sobre suas dificuldades e diferenças, como criando a partir daí um elo com suas identidades. Possivelmente, tenha sido a criação dessa classe especializada o iniciou de um novo rumo para a vida das pessoas marginalizadas por suas condições, provocando certa repercussão na sociedade pelotense, preocupação dos seus órgãos institucionais de assistência, além do apoio da imprensa local que divulgou a manutenção da classe especial mediante a publicação de inúmeros eventos sociais para arrecadar fundos à instituição. No que se refere às atividades desenvolvidas na classe especializada, abaixo apresentamos uma prática pedagógica de matemática diferenciada para a época, uma vez que se valia de objetos de contagem contrariando os métodos que restringiam a aprendizagem pela repetição e memorização dos algoritmos.

Imagem 3

Classe de aulas especializadas (década de 1940)



Fonte: Acervo da Escola Alfredo Dub.

A imagem acima retrata um grupo de crianças que enfrentavam desafios na comunicação devido a problemas de linguagem ou transtornos mentais. O registro fotográfico revela que a turma era composta por crianças de diferentes origens e possivelmente com distinções sociais entre eles. Todavia, o que tinham em comum era a dificuldade de se comunicar e interagir socialmente devido a algum tipo de deficiência. Ainda que na fotografia, não seja possível perceber, a classe especializada possuía restrições físicas, uma vez que o espaço para a educação especializada necessita de adequações, pois se vale de diferentes recursos instrucionais, bem como exige a presença de outros profissionais especializados para o atendimento de cada necessidade.

Nessa época, as autoridades e os educadores do município de Pelotas decidiram solicitar ajuda de um renomado especialista na área da fonoaudiologia. Foi assim que Alfredo Dub, um destacado foniatra que se encontrava à época radicado no Uruguai, foi convidado para vir a Pelotas, com o objetivo de ministrar palestras e discutir seus conhecimentos sobre as pessoas com deficiências auditivas.

A chegada do Professor Alfredo Dub em Pelotas

Alfredo Dub, de origem judia e de nascimento austríaco, se exilou no Uruguai no ano de 1938. Foi foniatra e audiometrista, atuando na Clínica Otorrinolaringológica da Faculdade

de Medicina e no Ministério da Saúde Pública do Uruguai. O primeiro convite para vir a Pelotas veio da Associação Sul-Rio-Grandense de Professores (ASRP), para que ele ministrasse um curso sobre “problemas de linguagem”. A ASRP foi criada em 1920 em virtude do aumento de escolas na cidade de Pelotas. Tinha como objetivo lutar politicamente pelos direitos dos docentes, sendo essa a primeira organização em prol dos educadores do Rio Grande do Sul. O conhecimento de uma escolinha para crianças excepcionais implantado na sede da Cruz Vermelha fez com que a ASRP criasse um evento direcionado aos professores e interessados pelo assunto. De modo que, ao trazer para Pelotas, no ano de 1949, o renomado médico pesquisador sobre problemas de linguagem, acabou por criar laços entre Dub e a escolinha.

O evento ocorreu na sede da Cruz Vermelha, onde foram realizadas as demonstrações do trabalho do médico que chegou à América do Sul refugiado da Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

[...] Dub era judío húngaro y oficiaba como traductor en Viena de los múltiples estudiantes que concurrían a esa Universidad para estudiar otorrinolaringología. En 1936 y 1937, Dub trabajó para Julio César Barani y le refirió su temor por las persecuciones políticas y raciales de los nazis hacia su persona. Barani le sugirió emigrar a Uruguay. En pocos meses, Dub hizo cursos acelerados de audiología y foniatría y llegó a Uruguay en 1938. En estas tierras se constituyó en el primer fonoaudiólogo de nuestro país (Rizzi, 2000, p. 189).

No Uruguai Alfredo Dub é configurado entre os principais médicos da história da medicina do país. Sua vinda a Pelotas representou bem mais que uma palestra, sua comunicação e apresentação de técnicas e práticas educativas, se tornaram métodos utilizados por décadas na educação de surdos. A chegada de Alfredo Dub foi o marco para a realização de outro processo de construção humanitária e educacional. As orientações do médico incitaram à fundação de uma escola especializada estruturalmente construída para o atendimento de crianças com deficiências. Foi a partir da relação entre Alfredo Dub e Maria de Lourdes Magalhães que a escolinha da Cruz Vermelha se tornaria ainda no ano de 1949, a Escola Alfredo Dub em homenagem ao foniatra. Suas orientações estabeleceram um elo, em legado que sobrevive há décadas, auxiliando às pessoas com deficiência na fala e/ou na audição.

O prédio da Cruz Vermelha apresentava na sua estrutura a quantidade de nove ou mais janelas grandes no segundo andar. No térreo uma quantidade menor com três portas de entrada pela vista do ângulo em que analisamos a fotografia do acervo da escola. Dos “dispositivos que constituem uma instituição educativa, chama à atenção a arquitetura, plantas, normas de construção dos prédios que influenciam no cenário de uma determinada cultura escolar” (Oliveira; Júnior, 2002, p. 75).

Após a visita e palestra de Alfredo Dub, foi criado o projeto de "escola especializada", onde teria de haver um prédio próprio e apropriado para as práticas educativas, para o atendimento especializado e para que o progresso da educação dos deficientes tivesse êxito na cidade gaúcha. Com a finalidade de atingir tal objetivo, uma série de eventos benemerentes foram implementados, garantindo o viés filantrópico que a instituição primava. Como por exemplo, na seguinte imagem.

Imagem 4

Recepção e Chá na Vienense para Alfredo Dub (1949)



Fonte: Acervo da Escola Alfredo Dub.

Em detalhes na Imagem 4, um “chá” oferecido ao Professor Alfredo Dub e sua esposa, posicionados ao fundo da mesa e, em companhia de profissionais da Medicina e da Educação, em agosto de 1949. Tendo fama mundial, assim como citado em fontes do periódico jornal Diário Popular, o austríaco radicado no Uruguai veio até a cidade gaúcha para demonstrar suas técnicas e estudos. O evento promovido pela ASRP permitiu que a comunidade visse as técnicas e habilidades do renomado profissional. Durante as demonstrações, foram apresentados casos reais e os resultados alcançados pelas técnicas desenvolvidas por Dub. A visita de Alfredo Dub a Pelotas possibilitou a troca de conhecimento e experiências entre profissionais, tanto da área saúde, quanto da educação especializada. A cidade se beneficiou com as técnicas e possibilidades de metodologias trazidas por Dub, fazendo a área da fonoaudiologia um interesse promissor na região.

A fundação da Escola Alfredo Dub

No dia 27 de setembro de 1949, foi fundada a Escola Professor Alfredo Dub, sendo a primeira Instituição Especial para alunos com diferentes deficiências no Rio Grande do Sul. Após um mês da visita do médico e especialista Alfredo Dub em Pelotas foi criado a "Escolinha Alfredo Dub", nome da qual era conhecida pela sociedade, muito por conta das reportagens que o jornal periódico Diário Popular remitia nas suas publicações.

A instituição começou a ganhar fama e prestígio, mas recorrentemente passava por dificuldades financeiras, necessitando da contribuição da sociedade e dos comerciantes locais. Mesmo recebendo a doação de um terreno, pelo então Prefeito Edemar Fetter, ainda permaneceu até o ano de 1977 dentro da sede da Cruz Vermelha, transformando-se em uma espécie de clínica e escola especializada. A Imagem 5 ilustra a assinatura do termo de doação para a construção das novas estruturas físicas da escola.

Imagem 5

Assinatura da doação do terreno pelo Sr. Prefeito Municipal Edmar Fetter (1965)



Fonte: Acervo da Escola Alfredo Dub.

Nesse período a instituição atendia alunos de diferentes camadas sociais com algum tipo de deficiência, independentemente da faixa etária. Devido à característica clínica que a escola possuía, os alunos eram tratados como pacientes. Após sua fundação no ano de 1949, a escola teve como principal referência a fundadora Professora Maria de Lourdes Magalhães. Ela foi a

primeira diretora da Escola Alfredo Dub, primeira professora e também administradora da instituição filantrópica. Seu trabalho não se dava somente em relação às práticas pedagógicas, mas também na organização e na direção da escola.

No ano de 1960, Maria de Magalhães trabalhava praticamente sozinha, sem ajuda de outros profissionais. Foi quando a Secretaria Municipal de Educação enviou a professora Clélia Guedes para atuar como docente na Escola Alfredo Dub, momento em que a instituição começou a traçar maiores aproximações com o legislativo municipal.

No dia 10 de agosto de 1962 foi fundada em Pelotas por Dona Maria de Lourdes e a Sra. Carmen Gastal Osório a APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais). Nesse momento a APAE teve como Presidenta a Sra. Carmen Gastal Osório com o auxílio de outras benemerentes da sociedade pelotense que integravam o corpo executivo.

Podemos identificar em algumas fontes documentais, como fotos e recibos, uma série de viagens no Brasil e para o Uruguai e Argentina, de representantes da escola para participarem de congressos e seminários, com interesse de estudar como eram as práticas educativas especializadas nesses países.

No ano de 1977, a Sra. Maria de Lourdes Furtado de Magalhães faleceu por problemas de saúde, passando seu legado e oficializando a direção para a então professora Raquel Sokolovsky. Atualmente a Escola Bilingue Professor Alfredo Dub oferece os serviços de Ensino Fundamental, Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Estimulação Precoce, assim como projetos de culinária, projetos artísticos, ensino Itinerante, informática educativa e outros projetos esportivos e de lazer.

Somente no início da década de 1990, que a escola optou pelo atendimento especializado em alunos com surdez. Foi a partir de uma reivindicação da Secretaria de Educação, que solicitou que a escola optasse por escolher apenas um tipo das deficiência em nível de escolaridade. É verdade que a instituição filantrópica durante mais de quarenta anos prestou serviço à sociedade, no atendimento de diversos tipos de deficiências. Após optar pela educação de surdos, a comunidade surda também reivindicou seus direitos constitucionais.

Ao dedicar-se à Educação de Surdos, a escola passa por algumas mudanças e esse novo espaço torna-se um ambiente de potencialidades. A escola passa de uma realidade oralista, onde os surdos eram obrigados a oralizar e não havia uma metodologia específica de alfabetização, para a então fase chamada de Comunicação Total, em que a Língua de Sinais surge como sendo uma forma de comunicação, onde o surdo utiliza sinais em determinadas situações e a língua oral em outras ocasiões. Esse período é caracterizado como um período de transição em que a comunidade surda começa a estudar e reivindicar propostas sociais, culturais e linguísticas (Bohm, 2018, p. 31).

Sabemos que hoje “os alunos que estudam na escola se caracterizam por vários níveis de surdez, como: surdez profunda, deficiência auditiva, paralisia cerebral, baixa visão, autismo e deficiência física” (Bohm, 2018, p. 32). Recentemente a escola aderiu ao bilinguismo e ao atendimento no estímulo de aprendizagens para alunos com surdo-cegueira, bem como continua tendo na filantropia a sua categoria administrativa, sem amparo de qualquer órgão institucional que possa contribuir com a manutenção do ensino especializado. Desde a década de 1950 a Prefeitura Municipal de Pelotas dá suporte por meio de funcionários e professores contratados para trabalhar na Escola Alfredo Dub.

Considerações Finais

Concluimos que esta pesquisa possivelmente seja relevante para futuros estudos no campo da Educação. Seja, por meio das informações trazidas neste texto, seja pelas fontes aqui reproduzidas, acreditamos que a análise subsidiada pelo campo da historiografia da educação seja um contributo às pesquisas em torno da temática História das Instituições Especializadas. Ao observarmos que a educação especializada no Brasil somente se organizou a partir dos esforços de institucionalização das escolas especiais e da sensibilidade benemerente nas ações filantrópicas, concordamos com Januzzi (2006, p. 28-29) quando acredita que a “história da educação dos deficientes vem se desenvolvendo através de tentativas práticas, muitas vezes criações deles próprios para vencer os desafios com que se confrontam nos diversos tempos e lugares”.

Outro aspecto que apuramos no presente texto foi a importância da Cruz Vermelha na década de 1940 ter contribuído, enquanto instituição humanitária, na educação de crianças, jovens e adultos deficientes. De modo que as fontes, por nós consultadas, desempenharam um papel significativo para o desenvolvimento da pesquisa histórica e preservação da memória daqueles que construíram a história de uma instituição. Consideramos, também, que o trabalho da Cruz Vermelha desempenhou o avanço nos estudos sobre educação de surdos e práticas educativas inclusivas para a cidade de Pelotas. Mais do que isso, no campo educacional e principalmente no campo da educação especializada a Cruz Vermelha foi durante quase duas décadas uma casa assistencial em favor da criança e do jovem com deficiência, instituindo a Escola Alfredo Dub, promovendo o encontro de especialistas que possibilitaram a fundação e afirmação dessa instituição especializada na educação de surdos de Pelotas.

Por fim, ao tomarmos, alegoricamente, o presente estudo como laboratório para futuros estudos sobre História da Educação e História das Instituições, concluimos que a realização de

uma pesquisa histórica sobre uma instituição filantrópica especializada na escolarização de crianças surdas pode ser de grande importância por diversos motivos. Dentre os quais podemos destacar: a *preservação da memória*, uma vez que a pesquisa histórica permite salvaguardar a memória da instituição, registrando sua criação, desenvolvimento e contribuições ao longo do tempo. Isso é especialmente relevante considerando que instituições filantrópicas podem ter tido um papel significativo na sociedade, atendendo a necessidades específicas e promovendo políticas inclusivas; a *compreensão do passado*, uma vez que o registro histórico proporciona uma compreensão mais profunda do contexto em que a instituição foi estabelecida. Isso pode incluir fatores políticos, sociais e culturais que influenciaram a criação da instituição, bem como os desafios enfrentados na época. Não obstante, a compreensão desses aspectos ajudam não somente a contextualizar a situação atual, bem como pode ser levada em consideração para a tomada de decisões futuras; a *análise das práticas educativas*, na medida em que estudar a história de uma instituição especializada também permite analisar as práticas educativas adotadas ao longo do tempo. Isso pode envolver a identificação de abordagens pedagógicas bem-sucedidas, desafios enfrentados pela instituição e possíveis melhorias a serem implementadas no campo da educação de crianças surdas; a *valorização da inclusão e da diversidade*, dado que ao analisarmos a instituição, em perspectiva histórica, pode-se contribuir para a promoção de políticas educacionais inclusivas mais específicas e combater a discriminação e o preconceito contra sujeitos surdos; por último, a *disseminação do conhecimento*, posto que o compartilhamento da pesquisa pode levar à produção de novas análises acadêmico-científicas, capazes de disseminarem o conhecimento relativo à educação de surdos. Podendo beneficiar tanto acadêmicos, educadores e profissionais da área da Educação e da Saúde, bem como o público em geral, ajudando a expandir o entendimento sobre o processo educativo de crianças surdas, promovendo o envolvimento da sociedade em questões relacionadas à inclusão e à acessibilidade.

Referências

- Abrão, F. M. S., & Almeida, M. C. P. (2007). Raízes da pré-institucionalização da enfermagem profissional na cidade do Recife (PE) - 1922-1938. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 60(1), 26-31.
- Bezerra, G. F., & Furtado, A. C. (2017). A produção sobre História da Educação Especial nos Congressos Brasileiros de História da Educação (CBHEs): um lugar em construção. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, 33. <http://www.scielo.br/pdf/edur/v33/1982-6621-edur-33-156559.pdf>

- Bohm, F. C. (2016). Aprendizagem da Matemática pelo aluno surdo: uma proposta bilíngue. Anais do XX Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática. Curitiba - PR.
http://www.ebrapem2016.ufpr.br/wp-content/uploads/2016/04/gd13_Fabiane_Bohm.pdf
- Bohm, F. C. (2018). Multiplicação: ensinar e aprender em turmas de alunos surdos do Ensino Fundamental na Escola Especial Professor Alfredo Dub. [Dissertação de Mestrado em Educação Matemática, Instituto de Física e Matemática, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas].
- Borges, A., & Gouvêa, F. C. F. A constituição do campo da Educação Especial no Brasil: entre tempos, lugares e pessoas. Cadernos de História da Educação, 22(Contínua), e154.
<https://doi.org/10.14393/che-v22-2023-154>
- Brasil. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 2016. 496 p.
https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf
- Costa, F. R. B. (2009). Formação e desenvolvimento profissional em Educação Física: dilemas e desafios na Educação Inclusiva. [Dissertação de Mestrado em Educação Física, Escola Superior em Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas].
- Cytrynowicz, R. (2000). A serviço da pátria: a mobilização das enfermeiras no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, 7(1), 73-91.
- Cytrynowicz, R. (2005). Instituições de assistência social e imigração judaica. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, 12(1), 169-184.
- Dunant, H. (2016). Lembrança de Solferino. Comitê Internacional da Cruz Vermelha Genebra, Suíça: CICV.
- Fagundes, É. V. (2002). A inclusão do estudante com necessidades educacionais especiais na escola regular em Pelotas (RS): limites e possibilidades. [Dissertação de Mestrado em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas].
- Gatti, D. (2005). História da Educação em Perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações. Campinas: Autores Associados; Uberlândia: EDUFU.
- Gill, L. (2019). A luta de Olga por seus direitos: imigração, saúde e trabalho de mulheres em Pelotas, RS (década de 1940). História, São Paulo, (38). <https://dx.doi.org/10.1590/1980-4369>
- Grützmann, T. P., Alves, R. S., & Lebedeff, T. (2020). Pedagogia visual na educação de surdos: uma experiência com o Ensino de matemática no Mathlibras. Práxis Educacional, Vitória da Conquista, 16(37), 51-74. DOI: 10.22481/praxisedu.v16i37.5982
<https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/5982>
- Januzzi, G. M. (2006). A educação do deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI. Editora Autores Associados. Campinas: Autores Associados.

- Karnopp, L. B., Klein, M., & Lunardi-Lazzarin, M. L. (2021). Produções culturais surdas no contexto da educação bilíngue. *Revista Espaço. Periódico Científico do Instituto Nacional de Educação de Surdos*, (56).
<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/263542/001173737.pdf?sequence=1>
- Lemos, E. (1981). Educação dos excepcionais: evolução histórica e desenvolvimento no Brasil. [Tese (Livre-Docência) - Departamentos de Fundamentos Pedagógicos, Centro de Estudos Aplicados, Universidade Federal Fluminense (UFF). Niterói].
- Magalhães, J. P. (2004). *Tecendo Nexos: História das Instituições Educativas*. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco.
- Miranda, A. (2008). Educação Especial no Brasil: desenvolvimento histórico. *Cadernos de História da Educação*, (7), 29-44.
<https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/1880/1564>
- Oliveira, L. H. M. M., & Gatti Júnior, D. (2002). História das Instituições Educativas: Um Novo Olhar Historiográfico. *Revista Cadernos de História da Educação*, 1(1), 73-76.
- Porto, F., Campos, P. F. S., & Oguisso, T. (2009). Cruz Vermelha Brasileira (Filial São Paulo) na imprensa (1916-1930). *Esc Anna Nery Rev Enferm*, 13(3), 492-99.
- Progianti, J. M. (2004). Modelos de assistência ao parto e a participação feminina. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 57(3), 303-305.
- Rizzi, M. (2000). Historia de la enseñanza de la otorrinolaringología en Uruguay. *Rev Med Uruguay*, 16(3), 174-192.
- Rogalski, S. (2010). Histórico do Surgimento da Educação Especial. *Revista de Educação do Ideau*, 5(12), 2-13.
- Santos, L., & Miranda, R. (2022). História e memória da profissão de psicólogo no Brasil: Legislações e contexto sócio-histórico (1940-1950). Memorandum. *Memória e História em Psicologia*, 39, [doi: 10.35699/16761669.2022.35360](https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/35360).
<https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/35360>
- Santos, L. A. C., & Faria, L. (2008). As ocupações supostamente subalternas: o exemplo da enfermagem brasileira. *Saúde e Sociedade*, 17(2), 35-44.
- Santos, S. A., Santos, R. M., Costa, L. M. C., Macedo, A. C., & Barros, L. M. C. (2018). Capital simbólico do trabalho das visitadoras sanitárias da Fundação Serviço de Saúde Pública, Alagoas/Brasil. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 25(3), 817-839.
- Saviani Filho, H. (2013). A Era Vargas: desenvolvimentismo, economia e sociedade. *Revista Economia e Sociedade*, 22(3), 855-860.
- Silveira, C. (2019). Software Educativo como Auxílio na Construção de Conceitos Matemáticos com Alunos Surdos. In A. Schewtschik (Org.). *Matemática: ciência e aplicações v. 3*. Ponta Grossa: Atena Editora.

- Silva, J. P. T. (2015). As doze horas que abalaram Pelotas: um estudo de caso da Revolução de 1923. [Dissertação de Mestrado em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas].
- Silva, N. F. (2017). Práticas de disciplinamento e escolarização: Registros fotográficos no contexto surdo. [Dissertação de Mestrado em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas].
- Teixeira, C. C. (2008). Interrompendo rotas, higienizando pessoas: técnicas sanitárias e seres humanos na ação de guardas e visitadoras sanitárias. *Ciência & Saúde Coletiva*, 13(3). 965-974.
- Vieira, A. (2018). O Ensino de História para alunos surdos: uma experiência de Escola Bilíngue na cidade de Pelotas-RS. In F. Nunes, W. Kettle (Orgs.). *Desafios do ensino de história e prática docente*. Pará de Minas: VirtualBooks Editora, Publicação.